EXPEDIENTE.

Ao presente, que jornaes de tres partidos politicos se dignaram saudar com as mais delicadas e lisongeiras expressões a nossa Redacção, fazendo justiça ao louvor que merecem as que a precederam, bem como os sacrificios e esforços da benemerita *Empreza*, seria falta de cortezia, de que não podemos usar, o deixar de agradecer ao *Estandarte*, á *Carta*, e á *Nação*, o que escreveram ácerca d'este Jornal.

Pela nossa parte, faremos todos os esforços para manter o credito de uma publicação, que tem como garantia dos serviços, que póde prestar, e já tem prestado aos interesses moraes e phisicos do nosso paiz, os nomes e a collaboração dos mais distinctos escriptores portuguezes.

— O artigo, que nos remetteu um admirador de certo estabelecimento pio, que muito respeitamos, não póde ter cabida nas nossas columnas, não só por algumas considerações que nos são pessoaes, mas tambem porque o effeito que o seu auctor deseja que elle produza, talvez que o alcancemos sem nos expormos á possibilidade de uma polémica.

— Recebemos a delicada lembrança em favor da malfadada Irlanda. Causa inveja o não ser de uma terra que até longe da patria inspira aos seus filhos tantos cuidados. Brevemente daremos provas de que lemos com interesse o curioso artigo — *The repeal debate — The Coercion Bill.*

— Ao auctor da Biographia de Claudio Manoel da Costa, rogamos que nos desculpe: a variedade que somos obrigados a manter nas tres partes do Jornal, bem como a extensão do seu trabalho, nos tem obrigado a demorar a devida publicação. No entanto honrar-nos-hia muito com a remessa de outro qualquer escripto, que pelas suas dimensões podesse de prompto ser impresso.

Publicações recebidas: — Jornal da Sociedade Catholica — Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias, de Lisboa, regido pelos Pharmaceuticos, José Tedeschi, J. J. de Sousa Telles, e Vicente Tedeschi — Jornal dos Facultativos Militares.

CONHECIMENTOS UTEIS.

EXPORTAÇÃO DOS VINHOS DO DOURO NO ANNO DE 1847.

110 Vimos com verdadeiro prazer, que as primeiras linhas, que neste jornal escrevemos sobre os *vinhos do Douro*, foram bem recebidas pela imprensa, mórmente no Porto, onde a pratica e a triste experiencia dos erros, que ahi apontámos, se estão sentindo ha tanto tempo.

O assumpto é de tal gravidade para o paiz, que nos seria impossivel deixar de ampliar a publicação do documento importante, que temos presente na *lista official do vinho, aguardente e jeropiga, despachados pela alfandega do Porto no anno de* 1847.

Recobramos animo, sempre que vemos documentos como este. Oxalá que todas as repartições do estado prestassem aos trabalhos estatisticos os cuidados, que as alfandegas vão dedicando a tão importante ramo da administração publica. Parte da desorganisação, em que estamos, provém da falta de elementos que só se podem colher em estatisticas bem organisadas.

A lista, além de dividir a exportação em duas partes, para a Europa, e para fóra da Europa, designando os portos de per si, traz uma curiosa relação dos exportadores. Em seguida damos a recapitulação da lista, que é mais um louvor devido ao mui digno administrador da alfandega do Porto, o Sr. Conselheiro Antonio Joaquim da Costa Carvalho.

PORTOS.	Vinho.			Aguardente e Jeropiga.		
	P.	A.	C.	P.	A.	C.
Europa.						
Grã-Bretanha........	23,354	7	3	593	13	1
Outros portos.........	1,264	15	11	161	20	10
Reino e Ilhas.........	163	17	2	11	—	—
Fóra da Europa.						
Estados-Unidos.......	2,118	—	—	265	7	—
Brazil...............	2,762	8	4	1	6	9
Outros Portos........	961	3	5	—	—	—
Total.....	30,624	10	1	872	5	8

TOTAL GERAL.

Pipas.	A.	C.
31,516	15	9

MELHORAMENTOS AGRICOLAS.

(Carta.)

111 *Sr. Redactor.* — Grandes são por certo os males, que affligem actualmente a nação portugueza, porém as causas teem sido taes, e tantas, que nada menos se devia esperar.

A invasão franceza, e guerras subsequentes deram um golpe mortal na agricultura, commercio e artes, e nos nossos bons costumes nacionaes.

O dinheiro mesmo, que tanto nos vae faltando, pelos effeitos de se accumular, e pela alteração, que fez no valor da mão d'obra, ainda na nossa miseria podemos alcançal-o do terreno portuguez pelo nosso trabalho, com uma adequada e boa cultura, animada pelo commercio e artes uteis: e fasendo a tempo bom uso das nossas possessões da Africa, Asia e Ilhas, podemos dar ainda de rosto a muitas nações menos favorecidas da naturesa do que nós. Ponhamos os olhos nos hollandezes. Estes com pouca terra enchem o mundo de manteiga e queijo, aproveitando o que tem em bons pastos artificiaes, em que manteem numerosos gados; e nós com tanta terra, e tanta agua excellente, e tam bom sol, tudo isso compramos de fóra, custando nos só a manteiga importada mais de um milhão de cru-

sados annualmente, quando lhes podiamos vender a melhor mercado.

O arroz, genero que nos vem das Indias e annualmente nos leva para os estrangeiros mais de dous milhões de crusados, poderiamos te-lo tambem em abundancia, até para exportar; porque temos o sol, terra, e agua necessaria para a sua producção. Elle produz até sessenta por um, e é cultura mui proficua; mas é necessaria agua abundante para que detida nos canteiros se não corrompa; e ninguem semeie senão na proporção da agua, e boa localidade, para que depois se não diga, que a sua sementeira é mortifera, como dizem hespanhoes, francezes, italianos e outros, que a teem proscripto, atribuindo ao arroz os males, que só a agua estagnada produz; e nos privemos então de um beneficio da natureza, que se ha tornado necessario na Europa inteira; e nunca fez mal, aos Chinezes, nem aos mais povos do Indostão, que o cultivam em grande, e quasi que só delle se alimentam. Nos campos de Coimbra, na ribeira de Sôr, herdade de Pera e Comporta, e na ribeira de Marateca, ha muitos annos, que se faz esta cultura em grande, sem prejuizo da saude dos povos; e o mesmo poderá acontecer a muitas povoações das faldas da Serra da Estrella, pelas muitas ribeiras e boa agua, que tem; bem como nos sitios aonde se tirassem levadas d'agua do Mondego, Tejo, Zezere e outros rios; sendo dirigidas para não damnificar a saude dos povos, com as precauções dictas.

A provincia de Tras-os-Montes cultivou, ha muitos annos, as amoreiras com bom e util resultado, e fazia muita colheita de seda. Na quinta de Simão de Oliveira, da Guarda, no Mondego, vi eu em 1804 o melhor amoreiral, que teve esta Nação; o qual, por elle todo plantado, tinha muitas mil plantas de grande altura e ramas. Em todas as quintas dos arredores da dicta cidade havia então, mais ou menos amoreiras; e dellas e de muitas outras, se colhia no tempo do Marquez de Pombal muita e boa seda, que era então facilmente vendida na feira de Viseu, desde o preço de 1920 até 2400 réis o arratel para as fabricas do Reino. Hoje todos esses amoreiraes teem desaparecido por inuteis, e alguma seda, que se colhe naquelle paiz, não tem preço que cubra a despeza: um meu amigo, por que lhe offereceram a 800 réis o arratel, abandonou de todo essa cultura em 1844.

Não devemos desanimar ainda; temos muito e bom terreno, e grandes proporções; e muito poderemos nós fazer em agronomia, mesmo com os meios, que nos restam, sem intervenção do governo em mais do que que dar-nos boas estradas, que nos faltam, e educação primaria aos povos, e bons parochos. Com isto virão as fabricas, aonde os que não são necessarios no campo, ganhem com que comprar aos agricultores os generos que lhes sobrarem do seu consumo, e que nem sempre o estrangeiro busca. A agricultura prosperará, pois não faltarão compendios, em que se contenham com claresa os preceitos da arte da cultura em frase clara, para que todos os entendam; e em que se ensinem aos povos, como se fazem as necessarias roteações dos terrenos, como se alteram as sementeiras para melhor producção, como se fazem os prados artificiaes; como se destroem as hervas nocivas; como se semeiam e plantam os bosques, já para quebrar a furia dos ventos, dar saude e recreio aos povos, já para lenha e a final como se exterminam os pastos communs, baldios e pousios, que sacrificam a agricultura do Reino; hoje proscriptos nas nações policiadas; e em que o estado perdendo pouco, muito utilisará depois.

Nas grandes crises lança-se mão de tudo. — Frederico o Grande, em tempos calamitosos para remediar os males da Prussia, incumbiu aos parochos ricos a criação de fabricas, engenhos de moer, e o mais em que vio lhe podiam servir; e El-Rei D. José I fez, que as ordens religiosas edificassem, á sua custa, grande parte dos sumptuosos edificios de Lisboa, depois do terremoto de 1755. Os parochos collados nas freguesias do Reino reputam-se dalli; são os melhores cultivadores das terras que possuem, insinuam-se com os parochianos, com quem teem de viver sempre, são seus modelos, os arbitros entre as desavenças, e os seus melhores mestres em tudo, e até para lhes desterrar a preguiça, a que de ordinario propendem.

Longe vá sempre de nós a mania de ser a Nação sómente agricola, ou que a nossa agricultura predomine sobre commercio e artes. Nem só do pão vive o homem. Nesse estado, seriamos a mais desgraçada nação da terra. Sem artes, sem commercio e sem industria, em que podessem assentar as rendas e impostos, este Reino não poderia sustentar uma guerra no estado actual da Europa, nem conservar seus tractados com as outras nações, e só constituiria um povo de estupidos e animaes nascidos para comer, e vegetar. A mesma China, que encerra em si duzentos milhões de almas, viu-se ha pouco insultada por poucas tropas europeas, e se estivesse na Europa, seria em breve victima de qualquer nação mais bellicosa no meio da mais florescente agricultura.

Poucos annos ha me escreveu um amigo do Fundão, na Beira, o seguinte. «Aqui o pão está a 160 réis o alqueire, os pobres morrem de fóme, por não terem onde ganhar essa quantia, e os ricos ficam perdidos neste anno, por não poderem extrahir os cereaes, que não podem consumir, nem fazer dinheiro para novas culturas: o estacionamento das fabricas mata-nos.» — Nesse anno soube eu, que muitos lavradores da comarca de Castello Branco, deram as searas pelo terço, a quem lhas segou.

Nesta villa de Torres Vedras em 1845 cultivaram-se muitas batatas, e chegaram no mercado a 70 réis o alqueire, e porque tal preço não cobriu a despesa, foi sua cultura diminuida a ponto, que nos annos seguintes se teem vendido de 160 até 240 a mesma medida. A muitos lavradores do Além-Téjo e Beira tenho ouvido, que em não vendendo o pão de 600 réis o alqueire para cima, lhes dá perda, e nesse caso só mantinham a lavoira, para haver pastos para seus gados, e como estes perderam tambem seu valor, é essa a causa da ruina actual daquelles infelises. O mesmo tem acontecido com o ramo do vinho geralmente em Portugal — Elle levou á opulencia a maior parte das grandes casas da Nação; e a abundancia deste genero, as teem arruinado depois em todas as provincias aonde a ha, pela despesa certa, e falta de consumo e extracção. — Ha 5 annos, que resido nesta dicta villa, cuja principal cultura é a do vinho, e pelos manifestos da mesma, e seu destricto, só se colhem annualmente, desde 25 até 30 mil pipas de producção. Este tem si-

do vendido pelo preço medio de seis mil réis a pipa, com que não tem coberto a despesa nos terrenos ordinarios, por isso muitos lavradores as vão arrancando, e é geral o clamor contra a vinhataria. — O mesmo tem acontecido no Reino com o ramo do azeite; faltos de artes uteis, os homens correram todos ao campo buscar vida, e esta afluencia damnifica a propria agricultura, faltando os braços nas fabricas e artes, para o consumo. Taes são os effeitos da falta do commercio, fabricas e artes uteis sufficientes, que pela falta do primeiro não ha quem leve os generos sobejos, e pela das segundas e terceiras, quem tenha com que comprar, o que lhe falta: e nem os agricultores apurar, com que possam augmentar-se, e continuar a empregar os meios, que demandam maiores sacrificios, e os novos systemas agricolas, para poderem concorrer nos mercados, com os que os usam.

Em menos de 20 annos temos visto alliviar os lavradores de dizimos, relegos, banaes, foros dos innumeraveis bens da coroa e ordens, e outras penções que os vexavam, simplificou-se-lhes o fôro civil, proscreveram-se as coitadas, e até se lhes diminuiram os dias sanctificados: porém assim mesmo elles estão todos arruinados, o Reino cheio de forasteiros, e mendigos.

Assim vamos definhando em a nossa riqueza nacional, e com a certeza de que, quem mais dispende em a cultura dos campos, mais se arruina. É necessario ir com os tempos, que dão a lei a tudo. Em tempo de Cesar Octaviano sustentava a Lusitania, que habitâmos, 5 milhões e 68 mil paes de familias, diz Angelo Pacense e outros; e juntando a esta somma a enorme dos escravos, que então não entraram no censo de Augusto, seguramente o paiz portuguez manteve, e póde ainda manter, como o fez já, bem nove milhões de habitantes, e mais sendo convenientemente regido. Possuimos, em bons terrenos e capazes de boa cultura, mais de 1300 legoas quadradas, das de 18 ao gráo, afora as estradas, rios, serras agrestes, e terrenos incapazes de cereaes; como tem mostrado auctores intelligentes do paiz: e com tal terreno, em todas as nações, que sabem cultivar, se sustenta um numero de habitantes como o referido; tendo outro sim bosques e prados necessarios para a creação de gados, quando se tenham proscripto os baldios, e passeios, que tudo entorpecem. Guilherme Stephens, em uma sua memoria inedita sobre a Marinha Grande queria, que para sustentar estes reinos, que tem mais de tres milhões de habitantes, eram bastantes 169 legoas quadradas de terreno em lavoura, como praticamente o mostrou: e sobejamente o fariamos, tendo entre os cereaes o milho, que sendo bem cultivado produz muito, e com que estão costumados os povos, e muitos e bons legumes com que se ajuda a nutrição dos mesmos.

Emfim, para sahir da lethargia em que nos achamos, falta nos artes, bosques, prados artificiaes, boas estradas, canaes e commercio, para que a agricultura floreça.

Esta villa de Vorres-Vedras, sita nas margens de Sizandro, com pequena despeza poderá exportar por agua os seus generos para Lisboa, abrindo a foz deste rio; obra facilima, em que certamente não gastará metade dos 72 contos de réis que lhe importa a conducção annual de vinte mil pipas de vinho, por terra, em cargas muares, a tres por cada pipa, e 1200 rs. por carga. Por agua receberia tambem vinte mil alqueires de milho que lhe faltam, e recebe do porto da Ericeira, com tres legoas de jornada de terra, vindos do Minho, e já em terceira mão: e pela mesma via exportaria o muito trigo, que vai a tres legoas vender nos mercados de Mafra, e muitos dos generos em que abunda. Só este beneficio a poria ao nivel das grandes cidades do reino, e delle gosariam muitos povos visinhos; bem como com elle se remediariam os damnos dos bellos campos de Pailepa e Rendide, que vão sahindo em total ruina, de modo que não se lhes acudindo, dentro de 50 annos não serão mais que um areal inutil n'uma extensão que poderia dar a Torres o milho que lhe faltar, e muito para exportar tendo bons reparos.

A Covilhã quando o marquez de Pombal alli fez levantar a grande fabrica real dos lanificios, hoje extincta, era pequena e pobre villa, cercada de soutos e rochas bravas na sua circumferencia. Em 50 annos a sua população e seus fogos duplicaram; os seus campos e montes encheram-se de famosas quintas, em que as rochas desappareceram; os soutos velhos abatidos foram substituidos por boas vinhas, bons olivaes, pomares de fructas, bosques, jardins e sitios de recreio. Universalisou-se alli o gosto fabril; veio a riqueza, e da sua prosperidade gosam os povos de muitas legoas em roda, tanto no seu districto como no do Fundão: e nelle as margens do rio Zezere podem servir de modelo á nação para saber aproveitar as grandes margens do Tejo, Mondego e outros. Caiba esta gloria á patria em que nasci. Assim em breve se veria em todo o Portugal a abundancia que se deseja, e de posse della, tambem em breve, resgataremos o ouro d'Africa; com facilidade poderemos enviar-lhe os generos que temos, e se lá desejam; e arranjar alli estabelecimentos de commercio que nos consolem da perda do Brazil, que tanto deploramos.

Estas reflexões dictou-m'as o amor da patria: V. fará dellas o uso que entender.

Torres Vedras 30 de outubro de 1847.

De V. etc.
J. P. de Lima.

NOTICIA SOBRE O OXYDO DE ZINCO, E SOBRE O SEU USO NA PINTURA POR M. MATHIEU.

(Extrahida das Sessões da Academia das Sciencias de Paris.)

112 O auctor depois de ter examinado os diversos compostos metalicos, que se tem proposto com o fim de substituir o alvaiade, trata de provar que nenhum d'estes corpos deve ser adoptado, em substituição ao alvaiade, ao qual entretanto deve-se cuidar em renunciar, pois que o seu fabrico e emprego fazem numerosas victimas. A preparação do oxydo de zinco não será, é verdade, completamente sem inconveniente, se se não tomarem certas precauções: porém, segundo o auctor, estes inconvenientes desapparecem completamente por meio do processo que elle imaginou. Dos productos obtidos por este processo, uma parte é completamente pura e póde ser empregada quer na medicina, quer pelos artistas: a outra parte pode-

rá substituir com vantagem o alvaiade: o seu preço é diminutissimo; e resiste á acção atmospherica.

(Journal des Usines.)

A AGRICULTURA NO ALGARVE.

113 Logo no primeiro numero da nossa Redacção annunciámos que receberiamos, com muito gosto, qualquer noticia interessante, mórmente se tivesse referencia á industria ou á agricultura.

As noticias agricolas podem ser de grande utilidade. Estamos em que os nossos agrónomos se hão-de convencer bem desta verdade, e accudirão ao convite, que de novo lhes fazemos, passando a appresentar-lhes um bom exemplo nas partecipações que de Loulé nos mandou o Sr. João José Jara.

A sua carta tem a data de 24 de dezembro.

Ácerca do milho infantil, diz nos que produsiu admiravelmente; houve quem de um alqueire de semente tirou quatro moios; o Sr. Francisco José Pinto na quinta do Paraizo teve dois moios e meio a tres moios por cada alqueire, e já lh'o pagavam a 600 réis o alqueire, e não quiz vender.

Esta cultura parece dever propagar-se, pois que é vantajosa a semente que no valor de 600 réis produz em menos de tres mezes 14:400 réis.

Segundo as noticias a que nos estamos referindo, houve no anno findo grande exportação de alfarroba. O preço medio foi de 150 a 160 réis por arroba. Só de Loulé para Faro sahiram mais de 40 mil arrobas. Este fructo é uma boa producção do fecundo solo do Algarve: não dá trabalho e nem sequer é preciso cultival-o.

O vinho parece que não sahiu mau pela falta de chuvas. Estava a 80 réis a canada. O trigo, que já chegou a 750 desceu a 560 e 600 réis porque tinha affluido muito ao mercado.

A colheita do azeite, que na Estremadura á beira do Tejo até cerca de uma legoa, foi tam avultada; é opinião do nosso illustre correspondente, que no Algarve foi mediana. Tinha ido muito do Alémtejo e vendia-se a 2:500 o almude.

Lembra-nos de ouvir com muita graça a um nosso amigo, que a sardinha era o sustento de Lisboa; e bem póde elle agora accrescentar, que ao presente tem sido uma mina de ouro para o Algarve, porque os catalães levam quanta pódem, dando em trôco onças de bom toque. Causa espanto vêr o que val este commercio no Algarve.

O Sr. Jara na sua mui curiosa correspondencia manifesta desejos de saber os resultados, que houve da cultura da couve de Monchique e do milho infantil.

Por em quanto, ainda não recebemos informações dos assignantes por quem se fez a distribuição da semente.

Agradecemos o que nos diz ácerca das vides de Alicante, e rogamos-lhe que se digne mandar-nos os esclarecimentos em que nos falla, pois que devem ser de valia.

FABRICAÇÃO DE CRAVOS PARA FERRAR OS CAVALLOS, POR M. HALL, DE BLOOMFIELD.

114 O ferro, de que se hão-de fabricar os cravos, deve estar em laminas de uma largura conveniente. Estas laminas devem ser de um dos lados mais grossas, e ir adelgaçando até ao lado opposto. Cortam-se depois d'estas laminas, com o instrumento proprio, os cravos, que se mettem em um cadinho, levando-os depois ao fogo até elles estarem na temperatura de encarnado forte; — depois deixam-se esfriar lentamente. Acabam-se de se aperfeiçoar com o martello.

(Journal des Usines.)

PREPARAÇÃO DO CHLOROFORME.

115 A communicação do Sr. Sousa Telles, de que fallámos em o numero anterior, veio confirmar o que dissémos em o nosso artigo 70, ácerca dos louvaveis esforços feitos por varias pessoas particulares para obterem esse agente, e contém algumas outras noticias sobre esse ponto que folgamos de poder publicar.

Sentimos que sejam poucos os meios, de que dispoem os estabelecimentos de instrucção publica, não podendo alguns completar os seus cursos de operações chimicas e pharmaceuticas. É mais um triste resultado das desgraçadas dissenções em que temos vivido. Estamos pobres e por civilisar.

Participa-nos o Sr. Sousa Telles, que logo que os jornaes estrangeiros começaram a tractar do chloroforme, o Sr. Dr. Bernardino convidou os seus alumnos para presenciarem a preparação desse agente, a qual se fez no laboratorio da Eschola medico-cyrurgica. O mais que o mesmo Sr. nos participa em particular, diremos nós bem alto, para louvor do mui distincto facultativo, e para prova das tristes circumstancias em que estamos. A preparação foi feita á custa do benemerito professor!

Foi na presença do Sr. Dr. Bernardino e dos seus alumnos, que o Sr. José Tedeschi preparou o chloroforme; obtendo pelo processo de Liebig pequenas porções, e porção sufficiente pelo modo ensinado por Soubeiran.

Tambem nos participa, que o Sr. Alexandre José Rodrigues, e o Sr. Lopes Belem teem ensaiado os processos conhecidos, e que em sessão da Sociedade Pharmaceutica, o Presidente da mesma Sociedade apresentou um artigo extrahido da *Abelha* jornal de medicina. D'ora avante deixamos este ponto aos jornaes especiaes. O nosso dever está cumprido para com os leitores da Revista, pois que sendo a applicação do chloroforme uma descoberta moderna, e estando o mesmo agente quasi nesse caso, deviamos escrever o que soubessemos sobre a materia. Assim o fizemos.

ESTALEIRO DOCKA.

II.

116 Do que disse no artigo antecedente parece estar demonstrada a necessidade, que ha em nossos portos, dos novos artefactos, bem como a utilidade, que dos mesmos resulta á navegação e commercio, em geral, tendo o inventor dado por isso não equivocas provas dos esforços que tem feito para realisar a sua construcção no nosso porto; esforços que renova agora confiando animosamente em que elles hão de surtir os fins desejados.

As vantagens deste invento já foram publicadas não só por mim, em uma memoria que publiquei, mas em varios escriptos, e pela Revista, no volume 3.° serie 4.ª do numero 43 de 13 de junho de 1843. Alguns escripos estrangeiros fallam deste assumpto, como os Annaes Maritimos e Coloniaes de França, de

1840, um relatorio, feito em Bordeos, pela Sociedade Philomatica, em 10 de março do dito anno, que vem no numero 4 dos seus folhetos de 1841, a pag. 181 até 195, nos quaes se dá uma discripção dos *planos inclinados*, ou *Rail-Way maritimo de Bordeos*. Tambem se póde reconhecer o proveito destes novos artefactos navaes, pelo que diz o numero 38 do *Glasgow Mechanics' Magazine* de 1824, o qual traz a patente concedida em Inglaterra a Mr. Morton para um *plano inclinado* debaixo do nome *Morton's Patent Slip, for hauling vessels out of the Watter for repairs, etc.*

Outros muitos artefactos navaes se poderiam citar, postos em pratica em muitos portos de differentes nações, os quaes já não são tidos, como novidade; por serem ha muitos annos estabelecidos; por quanto os primeiros datam de 25 annos em os Estados-Unidos d'America, especialmente em New-Bedford e em Staten Island: e hoje póde se dizer que não ha um só capitão dos nossos navios, que navegam para aquelles e outros portos estrangeiros, que não saibam a grande utilidade dos novos methodos de querenar pelo terem presenciado.

Portanto estão provados, e mais que provados, a sua existencia, e vantagens: que resta pois se não leval-os a effeito? Do seu estabelecimento hade resultar grande proveito a quem concorrer com seus cabedaes para a sua construcção.

Accresce a isto ter o *estaleiro-docka* a vantagem de um privilegio exclusivo por quinze annos.

Da falta de artefactos navaes em Portugal procede que os navios estrangeiros demandam os nossos portos em ultimo recurso, pela certesa que tem de que é só com grande perda de tempo e muitas despezas, que podem obter os reparos de que precisam; além de que o methodo de querenar as embarcações, que entre nós se usa, virando-as de querena sobre barcaças, (pois que nem se quer temos *diques*, ou *dockas seccas*), é processo moroso, e despendioso: requer muitos operarios; e damnifica consideravelmente as embarcações.

Por muito tempo os engenheiros constructores navaes estudaram a maneira de mudar a querena, do mar para terra, o que se não podia conseguir se não sahindo o navio de dentro d'agua, ficando em secco fóra do alcance da maré, em uma posição vertical para sua melhor conservação, e conveniencia de poder querenar de ambos os lados ao mesmo tempo. O engenheiro constructor americano Mr. Ward resolveu finalmente o problema, haverá 25 annos, com a invenção d'uma engenhosa e singular carroagem amphibia, que vae buscar dentro d'agua os navios e os conduz em cima por um *plano-inclinado* até os pôr em terra fóra do alcance da maré, com facilidade, brevidade e segurança; não se fazendo mais despeza do que a que exigem os antigos usos: por isto este novo systema foi logo transportado dos Estados-Unidos para a Inglaterra, adoptado pela França, um pouco mais tarde, e hoje, como já disse, se acha geralmente em plena pratica, em todas as marinhas cultas, e até na Turquia, mas ainda não em Portugal, apezar dos meus reiterados esforços para conseguil-o, como é notorio, e melhor se manifesta do exclusivo que alcancei, e da memoria que escrevi, e que imprimi em 1844 com o titulo de *Memoria sobre o plano-inclinado, para querenar os navios em terra; por Manoel Luiz dos Santos, engenheiro constructor naval.*

De tudo quanto se tem referido sobre este negocio, os srs. negociantes proprietarios de navios, se entrarem devidamente nesta materia, conhecerão sem duvida, que são elles a quem mais interessa a realisação destes artefactos navaes.

Finalmente, tudo quanto fica relatado sobre este importante assumpto, já está cabalmente demonstrado.

Resta agora appresentar em primeiro logar, o orçamento do quanto, pouco mais ou menos, custará a construcção do *estaleiro-docka*, e o seu estabelecimento em Lisboa, o qual possa conter quatro navios, ou mais, conforme os tamanhos e lotes dos mesmos. Em segundo logar, dividir este orçamento em duas partes, a primeira do *estaleiro* (em *plano inclinado*), a segunda da *docka*, tanto a respeito do importe como do tempo que levarão as suas construcções; por quanto se se não alcançar fundos para se poder construir ambas as partes ao mesmo tempo, será construida primeiro a do *estaleiro* (em *plano inclinado*) porque sendo esta a de menos importe, e a que leva menos tempo a construir, é ella a que póde começar a dar rendimento, mesmo antes de completa toda, e sem que seja preciso a *docka*; e tambem porque logo que o *estaleiro* em *plano-inclinado* podér receber em cima um ou dous navios, bastará para as precisões actuaes.

Se apparecessem capitaes para serem logo construidas as duas partes ao mesmo tempo, ellas se fariam em um até dois annos, tendo a grande vantagem de mais breve poder receber navios, para fabricar ou querenar.

Segue-se por tanto que

1.° O orçamento do artefacto naval *Estaleiro-Docka* está calculado em réis 40:000$000.

2.° A divisão do importe da construcção deste artefacto em duas partes, é para o *Estaleiro*, em plano inclinado, orçado em reis 15:000$000, e para a *Docka* em réis 25:000$000. Se o terreno fôr bom póde custar menos a quarta parte, ou só réis 32:000$000 toda a empresa.

A primeira construcção levará 6 mezes, a segunda 18. Quer de uma, quer de outra fórma póde começar a render 6 mezes depois de principiada. Se o terreno fôr bom e o inverno favoravel, póde ser feita em um anno a *Docka*.

Vamos agora vêr qual será o rendimento provavel do *Estaleiro* em plano inclinado.

O rendimento do plano inclinado, pelo que se tem calculado nos ultimos dois annos de 1842 a 43, e deduzindo de ambos o meio termo, andará por uns 11:136$000 rs.; sommado o rendimento de 87 querenas, e calculando que os navios se demorarão 8 dias na querena.

Neste orçamento não são mettidas as querenas que se fazem annualmente, pelas praias chamadas de *marés*, nem tão pouco as das embarcações de pequenos lotes do serviço do porto, carga, transporte, e descarga, inclusivamente as de pesca do rio, porto, e barra fóra, que todas andam por mais de 3890 como se deduz dos mappas da camara de Lisboa, e as quaes pagam á mesma o direito chamado do *Tragamalho*, e de outras que não são comprehendidas nelle; d'estas embarcações, ainda que só querenasse no *Estaleiro-Docka* metade d'este numero, e que só desse uma só que-

rena por anno cada uma dellas, assim mesmo este ultimo rendimento será muito de sobejo para dar para o costeio annual, que andará de 1:500$000 a 2:000$000.

Resta agora orçar qual será o rendimento, que mais se deve esperar tanto pelo augmento annual das novas construcções, como pelo maior numero de navios estrangeiros, que tendo noticia de já existir em o porto de Lisboa tão util artefacto naval, o demandarem para querenar, e reparar com preferencia a outro qualquer pela facilidade e segurança da entrada e estada no mesmo. Ainda que este orçamento seja difficultoso calcular, em quanto se não demonstrar pela pratica de um, ou dous annos; com tudo as querenas, que em o porto de Lisboa tem havido depois dos annos de 1845, 1846, pódem sem duvida ser avaliadas sobre o augmento, como já disse, que houve na rasão de 87 para 110, ou 112; esta differença monta a mais de réis 3:072$000, que temos a accrescentar aos réis 11:136$000, vindo a sommar tudo réis 14:208$000.

Manoel Luiz dos Santos.

—

APPLICAÇÃO DO CHLOROFORME.

Sendo a REVISTA o primeiro jornal, que mais extensamente fallou do Chloroforme, tem tambem a satisfação de ser o primeiro, que publica o resultado feliz, alcançado no Hospital de S. José por alguns dos nossos mais habeis facultativos no dia 12 do corrente.

—

117 Temos o gosto de poder annunciar um primeiro resultado favoravel da acção anasthesica do *Chloroforme*, empregado n'uma operação no Hospital de S. José.

O *Chloroforme* foi obtido no laboratorio pharmaceutico da Eschóla Medico Cyrurgica de Lisboa, pelo Sr. José Tedeschi, a sua applicação dirigida pelo Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, e a operação cyrurgica, (a extracção de um chisto situado junto do joelho direito) executada pelo Sr. João Pedro Barral.

Gastou se pouco mais de uma oitava de *Chloroforme*: o apparelho foi um simples lenço de cambraia, dobrado de modo a poder recebel-o, e a ser convenientemente applicado á bocca e nariz do doente.

Em tres minutos a resolução muscular, e a insensibilidade eram completas: este estado havia sido precedido de ligeira excitação, pequena loquacidade e alguns movimentos desordenados mas não violentos.

A operação, que foi facil e prompta, fez-se toda na mais completa insensibilidade; e o doente, depois, restabeleceu se de sentidos e intelligencia gradualmente, em poucos minutos, sem experimentar incommodo.

Esta experiencia, a primeira d'este genero, que se fez em Lisboa, e seguida de um tão feliz resultado, attesta bem a excellencia do *Chloroforme* sobre o ether, para obter a insensibilidade ou anasthesia nos doentes que teem de ser operados.

Eguaes experiencias continuarão a fazer-se pelos referidos facultativos.

(Communicado.)

—

PARTE LITTERARIA.

—

ADVERTENCIA.

Os leitores não devem levar a mal que eu diga alguma coisa sobre as linhas que se seguem, e que publíco receoso.

São apenas uma tentativa.

O assumpto pedia obra de mais vulto, mas não sou eu que a posso emprehender.

Tem havido quem se digne lembrar de que eu poderia incluir na parte litteraria da REVISTA algum trabalho meu no genero do que se vae lêr. Temo que, á vista da estrêa, não tornem a ter essa lembrança.

Felizmente só conheço as horriveis cadêas do nosso reino, unicamente pelas visitas que lhes tenho feito como curioso.

Em uma dessas visitas, colhi o pensamento deste trabalho; e tomei a resolução de escrever o que ha muito tenho na mente, ao som daquellas tristes harmonias, com que Rossini expressou a dolorosa recordação, que encerram estas palavras do seu Otello:

> Nessum maggior dolore
> Che ricordarsi del tempo felice
> Nella miseria.

Oxalá que a singeleza da origem possa servir de desculpa á imperfeição da obra.

O Redactor.

—

O PRESO.

I.

118 Estas paginas são a ultima consolação da desventura. — Devem ser tristes. — Escrevo-as em um carcere. Levam-me a vida nas lagrimas que choro sobre ellas.

Não tenho outra esperança!

Quizera ver-me a bordo do navio, que me levára ás terras d'Africa, se tenho de lá ir morrer!.. quizera caminhar para o patibulo, se ahi me vae arrastar a justiça!...— Tudo era melhor do que este desespero. Morria... mas de uma só vez.

É injusta a demora do meu julgamento. Se me declararem innocente, com que direito me arrancaram dos braços da minha familia?!...

É barbaro ter um homem assim suspenso sobre a sepultura!

E se me derem a liberdade, podem restituir-me a puresa do coração, que aqui me perderam? Como sou pobre hei-de passar os dias e as noites ao pé destes malfeitores.

Em quanto tive dinheiro para comprar a sua ausencia, não soffri este supplicio.

Como se entenderá nesta terra a civilisação, se na cadêa da capital tudo vendem ao preso? Porque lhe não vendem tambem a justiça!

E querem ser louvados — vergonha!

Ha um anno que estou á espera dessa hora tam desejada. Será a ultima da vida, ou a primeira da liberdade.

Hei-de defender-me... que digo, hão de defender-me. — O advogado affirma que eu perderia a causa com a verdade, e que ninguem me acreditaria; e elle quer ganhal-a com a mentira! Hade-me custar essa humilhação. — Mentir é mais do que soffrer. — Se eu sahi da villa com elle, se não appareci mais antes de me encontrarem ao lado do seu cadaver, para que heide negar o que todos sabem?

E para que o havia de eu matar? — Não falta na terra quem saiba que eu era seu amigo.

Como podia commetter tam terrivel crime, com a mão que no dia seguinte devia, ante o altar, unir-se á mão de um anjo!

Pezem bem tudo isto, e não me digam: «Se não foste tu que o mataste, noméa quem foi?

Eu! — Não quero por tam vil preço a liberdade manchada com a infamia. Jurei sobre a cruz que o não diria.

O segredo irá commigo para o tumulo. E que será feito della. Doida! doida! Enlouqueceram-n'a os covardes! Nem um só de frente a frente me dirigiria um insulto. Mas se eu estava no meio da escolta! Não tenho perdão para tal crime. Morreria impenitente se o padre m'o quizesse arrancar dos labios; do coração nunca me hade sahir.

Barbaros! De que servem as leis se julgam antes de as cumprír. — Parece que as tenho gravadas na mente aquellas palavras fataes: — Mata! — Mata!... que é um assassino!

E se ella os ouviu como não havia de enlouquecer.

II.

Pobre velho! Não sei como ainda vive. Ao cabo da vida mendigar por essas ruas quem já teve de seu.

Estava hoje mais abatido do que nunca.

Foi para os dias sem ventura que Deus nos deu um pae, e uma mãe.

Tambem devo estar muito transtornado. Ainda agora elle esltava afflicto quando me disse: « Filho, filho, pareces-me um S. Francisco; que pallidez essa... que pasmo de tam mau agouro te vejo nos olhos. »

Ai! se fôra a morte! Não é, não, que ainda sinto palpitar com violencia o coração quando penso neste ultimo arrimo, e n'aquella sancta, que do leito da morte me mandou a ultima bençam.

Depois d'essa outra desgraça, que havia de fazer meu pae?

Vendeu o resto do que a justiça já tinha levado, e veio por essas terras até chegar aqui.

Entre estas duas imagens venerandas vejo sempre aquelle rosto, que o amor me desenhou na fantasia. Parece-me que nem a morte apagará esta imagem. Hade ir com a minha alma até á Eternidade.

Quando penso no que soffre o meu infeliz pae, tenho mais coragem. Não sei como elle não morre de dôr ao vêr, atravez das grades, o rosto de seu filho confundido com os de tantos malvados!

Meu Deus, e é para isto que se cria um filho!

Estar a vêr sorrir a creança no berço, e dentro em pouco sentir-se apertar pelos braços tenros, sentindo roçar pelas faces os cabellos annellados, e depois ve-lo homem, e na força da edade, a maldizer a vida como um martyrio!...

É mister que hajam no mundo grandes peccados para existirem tam duras expiações.

Só estes pensamentos me dão algum allivio. Se eu tivera livros, talvez me parecessem mais curtas as estiradas horas desta agonia; mas se eu não tenho pão como heide ter livros?

Já tinha morrido se não soubesse escrevêr!

Deixo no que escrevo uma esperança. Fallo como se estivesse diante de Deus; talvez me acreditem, e chorem a minha desgraça.

Por força que muitos presos hão de ter deixado memorias do que soffreram — nunca li nenhumas... mas deve-as haver, porque as magoas repartidas com o que se escreve, quasi que se tornam menos pungentes.

Bem poderia eu já ter lido estas e outras cousas, se houvesse vivido nas cidades principaes do reino antes de entrar n'ellas cercado de soldados.

Na villa onde nasci ninguem tinha taes livros.

Nem o bom do meu padrinho, que era talvez o doutor mais antigo do reino: pobre homem!... já não existe. Se não fôra elle, não sei que seria de mim, ficára sem ler outros livros, além da grammatica latina, do Eutropio e do Tito Livio. Isto seria bastante para um romano, mas não era nada para um portuguez.

Disseram-me que o Estado gastava muito para mandar ensinar desse modo os rapazes do reino, que sabem de cór e salteado a historia dos imperadores de Roma, e nem se quer sabem os nomes dos nossos reis.

Sempre gostei mais dos contos da nossa terra, que ouvia a uma das minhas tias, do que essas fabulosas conquistas friamente lidas pelo rabugento professor.

Bem digo eu que escrever é grande allivio, se não tiro os olhos do papel quasi que me hia esquecendo do logar em que estou; mas a realidade atterra-me por toda a parte.

Lá estão além das grades, aquelles rostos macerados que me cortam o coração. Parece que as lagrimas rebentam de todos os olhos.

Os soluços da mãe confundem-se com os da esposa, e da filha desamparada.

E quantos suspiros não respondem neste misero aposento a essas ternas saudades!

O ferro e a pobresa separam tantos afflictos!

O rico escolhe para prisão o quarto que mais lhe agrada, onde póde estar largas horas na companhia dos que estima.

O pobre, esse, ainda que, como eu, não seja ladrão, hade dormir ao lado de um homem, que roubou toda a vida, e nem se quer póde fallar aos seus, senão ante uma turba de facinorosos. Perco a alma n'este inferno!

É já o cahir do dia, o sol despontou no horisonte, sumiu-se no oceano, e nem um raio fugitivo veio aquecer o pobre preso!

Tremo com frio, nem já posso escrever.

Turva-se-me a vista, e apesar de que me custe devo confessal-o. — Tenho fome!... Ai que elle o não suspeite! Pobre pae, talvez que neste momento algum poderoso affaste de si a mão do mendigo, que pede para sustentar um filho!

Só as lagrimas que me estão cegando podem apagar o ardor deste desespero!...

(Continúa.)

A TEMPESTADE.

> Oh! joyeuse enfance! heureux age!
> Qu'un regard protége toujours!
> Brillante saison, où l'orage
> Est le seul chagrin des beaux jours!
>
> *E'mile de Girardin*

119 Minha mãe, eu tenho medo,
Muito medo dos trovões!
— Cobra animo, meu filho,
Reza as tuas orações!

Deita-te aqui no meu collo,
Chega-te bem, meu amor;
Os trovões qu'estás ouvindo
São castigo do Senhor.

Diz-me agora, e em segredo,
Fizeste hoje mal a alguem?
Talvez mentisses, meu filho?
Quem mente nunca faz bem.

— Hoje não, que não me lembro,
Hontem sim, isso menti;
Minha mãe, será castigo,
Que venha *por'mór* de mi?

— A culpa é leve, meu filho,
Para castigo tão cru.
A tua mãe não se mente!...
Diz, que mais fizeste tu?

— Hontem brincando queimei-me,
Queimei me n'aquella luz;
Com a dór talvez fallasse
No inimigo da Cruz.

Fallar no démo é peccado,
Isso é, que eu bem n'o sei;
Mas castigo só por isso,
E tão grande.... não direi.

Não me lembro de mais nada;
Só se foi.... mas isso não,
Por não ter eu dado a um pobre
A metade do meu pão!....

— Pois o castigo, meu filho,
É por esmola não dar;
Deves depressa chamal-o
Se elle tornar a passar.

— Minha mãe, o pobresinho
É aquelle que além vem!
— Vae já buscal-o meu filho,
Que bastante fome tem.

Olha agora, vês as nuvens,
Como ellas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste,
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
É um preceito de Deus;
A quem a cumpre devéras
Ajuda-lhe Deus os seus.

— Pois hei-de dar mil esmolas,
Quando chegar a ser Rei;
Hei-de cumprir como devo
Com os preceitos da Lei.

— És muito creança ainda!
Quem dá aquillo que tem,
Cumpre um santo mandamento,
Não tem inveja a ninguem.

Olha o Céu como está lindo!....
Vae pelos campos brincar,
Que o pobresinho cá fica,
Ha-de comnosco jantar.

L. A. Palmeirim.

JORNAL DAS BELLAS-ARTES.

Este jornal foi um bello pensamento, que por desventura nossa julgavamos perdido. — Felizmente vae ser continuado: Deus lhe dê tanta ventura como para nós desejamos.

Eis aqui o Programma que nos remetteram

—

120 Vai sahir d'ora avante, com toda a regularidade, o Jornal consagrado a representar as BOAS ARTES, em Portugal. Para o amador de concepções inspiradas, de composições verdadeiramente artisticas, hade conter artigos e desenhos que instruam e deleitem conjuntamente; para o artista, registará observações, preceitos e modelos que lhe devem aproveitar.

Exporá o referido jornal, de preferencia, as obras d'arte que houverem sido concebidas e executadas em terra portugueza; e publicará, especialmente, as obras do poeta, ou do escriptor que poderem sahir a lume ataviadas com gravuras, ou *illustrações*.

De tudo o mais em que o mencionado Jornal intenta primar, irão dando boa noticia os seus proprios cadernos.

OBSERVAÇÕES.

No principio de cada mez sahirá um folheto do JORNAL DAS BELLAS-ARTES, que hade conter, *pelo menos*, oito paginas de impressão, em papel assetinado, com as *illustrações* (em gravura) que o texto admittir, e uma estampa lithographada, ou gravada.

Dois d'esses folhetos formarão um numero.

Cada folheto mensal custará 200 réis, que serão pagos no acto da entrega.

Não se admittem assignaturas para menos de quatro mezes.

No fim de cada anno da publicação do Jornal, se distribuirão aos Srs. Assignantes o indice e um frontespicio *illustrado*.

Subscreve-se em Lisboa, em todas as lojas de livros, e na rua Augusta n.° 136, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia para o Jornal, franca de porte, e endereçada a Germano Francisco Nunes Chaves.

RECREIOS DO CORAÇÃO.

I.

AMOR PLATONICO.

121 Deleites, que amor procura,
São d'amor emanação;
Quem os goza com ternura
Nascidos do coração,
E ditoso sem mistura.

Ha gozos, d'amor chamados,
Que d'amor nada contém;
São apenas desesp'rados
Desejos d'ignoto bem:
Satisfeitos, são passados.

Quem amor lhe quer chamar,
É profano e não conhece
Esse amor, que ha-de durar
O tempo, que a vida tece,
E só com ella acabar.

Os gozos d'amor nascidos,
Pô-los Deus no coração;
São episodios tecidos
Na mais intensa paixão,
E só por morte perdidos.

Póde amar-se e ser ditoso
Sem a posse mat'rial
D'esse bem tam deleitoso,
Que anhela todo o mortal,
E, gosado, é delicioso;

Porém se ardendo em ternura
Dous entes, que amor ligou,
Podem gosar a ventura
D'esse bem, que Deus creou;
Perdê-lo, fôra loucura.

II.

A FLOR DO CAMPO.

N'estes prados, florinha mimosa,
Nasces tu, sem favor de ninguem;
Vives só, satisfeita, ditosa,
És de Deus, não dependes d'alguem.

Essa côr delicada, fagueira,
Sem cultura brotou natural;
Essas folhas, que prendes ligeira,
Nas cidades não acham egual.

É de balde que mão corrompida
Quer trazer-te ao seu culto jardim;
Não te esqueces da patria querida,
Não fulguras, não brilhas assim.

Que te importa a estudada cultura,
Quando tens a cultura de Deus?
Tens fragrancia, tens mimo e frescura,
Que dimanam e caem dos ceus.

Que te importa que braço avarento
Com mesquinha e cruel ambição
Sacrifique o teu brilho ao sustento
Das sementes, que involve no chão?

Se cortada por mão traiçoeira
Vaes ao centro da terra parar;
Não te matam, e voltas ligeira
Nossa vista de novo a encantar.

Assim vives eterna no mundo,
Onde tudo ha-de vir a morrer,
Despresando o pensar — tam profundo!
Dos que estudam sem nada aprender.

Uma vida feliz, venturosa,
Como tu, quem me dera passar!
Mas não posso, que é paz enganosa
Esta paz, que me é dado gozar.

J. M.

CARTAS DA RAINHA ISABEL DE INGLATERRA.

122 A Sociedade litteraria de *Cambden* annunciou que ía mandar imprimir a collecção das cartas escriptas pela rainha Isabel de Inglaterra a Jacques VI rei

de Escocia durante os quatro annos de 1581 a 1584. Estas cartas, que todas são ineditas, conteem curiosos promenores sobre a grande Armada, a conspiração de Babington, o processo de Maria Stuart, e outros grandes acontecimentos politicos.

GAZETA MEDICA NO PORTO.

123 Este jornal continuará a publicar-se regularmente do corrente mez de janeiro em diante. Cada mez sahem a lume dois numeros.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

5 *a* 12 *de janeiro.*

124 O Diario de 5 do corrente publica as seguintes portarias em virtude das respectivas consultas da commissão permanente das pautas.

Portaria determinando, que os barretes denominados de panno feltro que sejam de panno de lã tecidos estão comprehendidos para pagamento dos direitos no artigo da classe 9.ª da pauta — pellos tecidos — e dizer — todas as mais não especificadas, arratel 800 réis.

Idem determinando que a essencia de mostarda pague o direito de 200 réis por arratel, que a pauta geral das alfandegas marca na classe 16.ª ás essencias, oleos volateis de hortelã pimenta, e outras não especificadas, incluindo as vasilhas, por isso que as referidas essencias em muitos casos são applicadas como medicamentos.

Idem determinando que as fôrmas de cobre para fazer massas, e para uso de fabrica, paguem meios direitos.

Portaria de 5 do corrente ordenando que a camara municipal de Lisboa usando da faculdade, que lhe concedem os numeros 4 e 5 do artigo 123 do codigo administrativo, passe quanto antes proceder a uma inspecção em todos os edificios que manifestarem ruina e perigo.

Auto de demarcação do terreno para a exploração e laboração de uma mina de ferro pyritoso e outras substancias mineraes, situada no valle de S. João do Dezerto, e junto ao poço do mesmo nome, freguezia de S. Salvador de Aljustrel, concelho de Aljustrel, districto de Beja.

A exploração foi concedida a Sebastião de Gargamala por alvará de 18 de agosto de 1846.

COMMENTARIO A UM DOS ARTIGOS DA PARTE LITTERARIA.

125 O *Periodico dos Pobres no Porto* noticiando a visita que no dia 31 de dezembro ultimo, fez o Sr. Procurador Regio á Cadêa do Porto, acompanhado dos seus delegados nessa cidade, assim como do seu secretario, depois de dar conta da attenção, com que esse magistrado ouviu os prezos, observa que S. Ex.ª notou que tivesse havido bastante demora em alguns processos, e prometteu fazer promover o andamento com a energia possivel.

O mesmo magistrado, provando o caldo dos presos, achou que não era bom em relação ao preço da arrematação. — Quando isto era em dia de *visita official*, que fará no resto do tempo!

Sentimos não poder acompanhar o illustre redactor dos *Pobres* nas esperanças, que fórma de que nas futuras visitas se não encontrem estes e outros abusos similhantes.

Entre nós a perpetuidade dos abusos provém de que sempre estamos a esperar, que se emendem sem termos a coragem de empregar para esse fim os meios precisos.

Quanto a nós, os abusos notados e outros muito maiores hão de existir, em quanto uma reforma completa e geral em todas as cadêas do reino, não substituir os tentados melhoramentos, que apenas tem dado mesquinho fructo. Esta reforma deve ser acompanhada de uma judiciosa simplificação dos processos, que ao presente entorpecem, em logar de promoverem, o andamento da justiça.

Apreciamos as boas intenções que inspiram as esperanças do contemporaneo, e esperamos que ache rasoaveis e fundadas as nossas observações.

Terminaremos este commentario ao nosso artigo litterario — O Preso — juntando ao testemunho insuspeito e valioso do Exm.º Sr. Procurador Regio do Porto o testemunho de um documento official.

No *Diario do Governo* de 8 do corrente, vem uma portaria do Ministerio do Reino, pelo qual consta haver participado o Governador Civil do Districto do Porto, em 4 do corrente, que fazendo-lhe constar a Misericordia da cidade de Penafiel a resolução que tomára de não continuar a prover á sustentação dos presos pobres das cadêas da mesma cidade, assim por não ter legado algum que tal obrigação lhe imponha, como pela escassez de rendimentos que ultimamente tem soffrido, se deliberára o mesmo Governador Civil a escrever á referida Misericordia, convidando-a a continuar os soccorros áquelles infelizes, em quanto o governo não providenciava do modo conveniente.

O Governo louvando devidamente o Governador Civil partecipa-lhe, que immediatamente se vai remetter por copia o seu officio ao Ministerio da Justiça, ao qual, segundo a lei que actualmente rege na materia, competem as providencias para a sustentação dos presos pobres.

Esta portaria prova, que pelo menos, houve uma louvavel promptidão no andamento do negocio, pois que o officio do Governador Civil é de 4 do corrente, como dissemos, e a portaria tem a data de 7, devendo ter a mesma a que remette o negocio para o Ministerio da Justiça.

A redacção da Revista espera que este seu brado, a favor dos infelizes presos, ha de ser attendido por toda a nossa imprensa periodica.

NAUFRAGIO.

126 A quadra tem ido má para os que andam sobre as aguas do mar. Os jornaes diarios tem dado noticia de varios naufragios bem desgraçados: entre elles é horrivel o do vapor de guerra inglez *Avenger*. Submergiu-se no Mediterraneo em frente da costa da Barbaria por haver dado n'um baixo de pedra. Levava mais de 300 pessoas de tripulação, e não chegou ao certo a uma duzia o numero dos que se salvaram!

— O commandante, que, segundo ouvimos, era enteado do Almirante Napier foi dos muitos que perecera. O vapor já tinha feito parte da esquadra ingleza surta no Téjo.

BANCO DE IRLANDA.

127 Parece que o preço do dinheiro começa a descer. O *Mercantile Advertiser* dá a boa nova que o banco de Irlanda, no dia 20 de novembro, baixára o desconto das lettras de 8 por cento a 7. A reducção continuaria se o banco de Inglaterra desse o exemplo.

O PAROCHO DO CASTELLO.

128 No dia 23 do corrente reassumiu o exercicio parochial da freguezia de Santa Cruz do Castello, o Presbitero José Constantino da Silva Alves do Valle e Andrade: — era o unico dos Parochos d'esta capital, retirado do serviço effectivo desde 1833, que ainda não tinha voltado ao centro da sua Familia Parochial; por todo esse tempo que lhe não foi permittido desempenhar para com seus Parochianos do exercicio do seu ministerio, póde elle fazer valiosos serviços á Igreja e ao Estado, subindo repetidas vezes á cadeira do Evangelho, em quasi todas as Igrejas d'esta cidade e seu termo, a prégar o amor a Deus e ao proximo, e o respeito ao Throno e á Lei. — Concorrêra para não apressar-se a requerer a sua reintegração, a vêr-se substituido no exercicio Parochial, por um Ecclesiastico não menos digno, que ha pouco falleceu no serviço de Parocho Encommendado; por fallecimento d'elle, conseguiu ser mandado voltar ao exercicio Parochial.

O acto publico da sua reintegração foi acompanhado de um solemne *Te Deum Laudamus*, ao qual assistiram quasi todos os Parochos da capital, os Irmãos das Irmandades da Freguezia, o Exm.º Governador e mais Officias da Praça do Castello, e grande numero de Parochianos.

INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS.

129 Finalmente esta importante repartição tem um chefe que ha tanto tempo lhe faltava.

O Sr. Conselheiro Antonio Pereira dos Reis acaba de ser nomeado inspector geral dos theatros.

A orphandade em que as artes scenicas tem estado já não podia continuar por mais tempo sem vergonhoso damno para muitos interesses.

O Sr. Pereira dos Reis póde, pelo seu talento e pela sua posição, prestar valiosos serviços ás letras e bellas-artes. Confiamos na sua intelligencia e energia para acabar com muitos abusos, e entre elles a prejudicial invasão do poder administrativo em pontos para que forçosamente é incompetente.

O theatro de S. Carlos está ha muito dando um tristissimo exemplo da independencia em que o pozeram da inspecção illustrada de uma corporação litteraria.

O theatro nacional está em tal decadencia, que não póde haver maior gloria do que fazer resuscitar esse Lazaro da mortalha recamada de oiro, que o envolve no seu tumulo de marmore.

Regosijamo-nos com este facto, porque ardentemente desejamos tudo quanto póde concorrer para a prosperidade e gloria da malfadada terra em que nascemos!

PRAÇA DE LISBOA.

12 DE JANEIRO.

130 As alterações nos preços, que demos em o numero anterior, foram de mui pouca monta, pode-se dizer que o mercado permanece como então.

CAIXA ECONOMICA DE LISBOA

FUNDADA PELA COMPANHIA CONFIANÇA NACIONAL.

131 Recebeu na semana finda em 1 de janeiro 151$100 em 4 entradas de 3 depositantes, e restituiu 168$705 rs.

ESCHOLA POLYTECHNICA DE LISBOA.

132 Em consequencia da exoneração pedida pelo Sr. Leal do logar de preparador chimico, escolheu a Eschola para o substituir o Sr. Alexandre José Rodrigues.

A escolha foi acertada, pois que segundo nos consta, o Sr. Rodrigues junta á pratica indispensavel os conhecimentos theoricos, que são precisos para devidamente desempenhar esse cargo.

BAILE EM CASA DO SR. MARQUEZ DE VIANNA.

133 Já em um dos numeros da nossa redacção tivemos o gosto de publicar um edificante exemplo do animo religioso do Sr. Marquez de Vianna.

Cabe-nos hoje a honra de fallar do esplendido e benefico baile, que houve nas sallas do seu palacio em a noute de 11 para 12 do corrente.

Não o presenciamos, mas consta-nos, que foi grandioso.

Tinha por fim a extracção de uma loteria em favor do Asylo da Mendicidade. Os premios foram offerecidos por mui generosas e nobres bemfeitoras. Alguns eram obra do proprio doador. — Neste numero entravam as que offereceram SS. MM. a Rainha e El-Rei.

Differentes pessoas reaes nacionaes e estrangeiras, se dignaram concorrer para este acto digno do maior louvor.

LICÇÃO DE CIVILISAÇÃO DADA PELO BRAZIL A PORTUGAL.

134 DESDE O PRIMEIRO DE JANEIRO DO PRESENTE ANNO EM DIANTE, OS JORNAES BRASILEIROS NÃO PAGARÃO PORTE DE QUALIDADE ALGUMA NOS DOMINIOS DE TODA A GRÃ-ABRETANHA, E DA MESMA ISENÇÃO HÃO DE GOSAR OS JORNAES INGLEZES NO BRAZIL.

Comparem isto com o que acontece em Portugal, onde no Correio Geral está um armazem cheio com jornaes do Brazil, porque ninguem póde pagar o porte excessivo com que são taxados.

Sentiriamos que de qualquer resolução civilisadora tomada a este respeito resultasse damno para algum *beneficio simples*, mas pela nossa parte ainda que os correios das secretarias nos trouxessem os jornaes do Brazil ao escriptorio francos de porte, não lhes metteriamos a thesoura, porque ainda não percebemos a sublime invenção de melhorar um jornal só por meio de tam commodo instrumento.

Fazemos votos para que o exemplo, que citamos, possa utilisar ás nossas lettras tam precisadas de auxilio.

THEATRO DE S. CARLOS.

ESTRÊA DO SR. BALDANZA.

135 A estrêa do Sr. Baldanza foi um verdadeiro triumfo.

Ha muito que as taboas do theatro de S. Carlos não são pisadas por um artista d'aquella ordem. — Seria isto engano ou acêrto?

É esta a pergunta que todos ahi andam fazendo.

O caso é para scismar.

Ha aldêas na Italia, que teem hoje melhor theatro lyrico do que nós, e lá não custam vinte e quatro contos de réis as récitas de seis mezes.

Diziam os nossos velhos, quando viam alguem desprezar os beneficios da Providencia, que era andar a tentar a Deus. — Parece-nos, que as Emprezas, que o Theatro de S. Carlos tem tido, tambem andam ha muito a tentar o Governo e as Côrtes.

Pois deviam fazer por merecer o auxilio, porque o tempo não está para se dar assim com o pé em tão poderoso subsidio. No meio d'estes tristes pensamentos, apenas a voz terna e a figura simpathica do Sr. Volpini, e alguns passos engraçados da Sr.ª Bussola, vinham interromper a methodica cegarrega de muitas vozes, que julgavam estar cantando; eis senão quando vemos um tenor de subido merito desenvolver no difficil papel de Otello, não só os recursos de uma voz extensa, forte, e melodiosa, mas tambem um methodo expressivo, arrebatando os espectadores com todas as qualidades de um grande artista.

O Sr. Baldanza deve estar satisfeito com o enthusiasmo, que veio causar nos frequentadores do Theatro de S. Carlos.

UM ARTISTA COM TRES DEDOS.

136 A desgraça produz, muitas vezes, grandes artistas.

Ha homens, que foram privados pela natureza de alguns dos seus mais perigrinos dons, e que mesmo assim se elevam pelo trabalho e pelo talento até onde outros não chegam, nem mesmo com o auxilio de poderosos recursos.

Seria um livro curioso a historia dos cegos e dos aleijados celebres.

Os jornaes estrangeiros andam cheios de narrações curiosas a tal respeito, que por agora não repetiremos aos leitores. O nosso empenho é fazer-lhes conhecer por um exemplo que tambem entre nós apparecem esses engenhos raros, que sabem vencer os mais fortes obstaculos.

Existe em Lisboa um homem, que, sem um braço e tendo apenas tres dedos na mão que lhe resta, é um prodigio de habilidade.

Este ente assim mutilado, serve de arrimo a uma familia numerosa.

É um bom filho e um bom irmão.

É muito para ver como só com aquelles tres dedos desformes modela em cêra as mais engraçadas flores. Dae o perfume proprio a essas producções da arte, e quando vo-las aprezentarem, julgareis ver as pétalas aveludadas e os finos estames de mui delicadas flores.

Temos visto ramalhetes lindos, feitos por este artista.

Não pára só nisto o seu merito.

O quadro que acaba de modelar, sabe desenhal-o no papel com a mesma facilidade com que o formou. O lapis é manejado com tanta graça por esses tres dedos como a cêra de que faz as flores.

Como se não bastassem estas provas de um desejo robusto, com o qual emprehende com feliz exito qualquer empreza, esses mesmos tres dedos bordam em filó qualquer quadro, o qual depois de findo ninguem dirá ser obra se não do pincel.

Este processo foi trazido para Portugal pela illustre filha do Sr. Duque de Saldanha. — Tivemos o gosto de admirar varios trabalhos deste genero feitos pela filha do nobre Marechal.

Maravilharam-nos completamente. A graça do desenho e o acertado colorido parece impossivel, que fossem obra da agulha.

Foi á vista destas perfeitissimas obras, que o nosso artista se resolveu a pôr em pratica esse mesmo trabalho, e já o conseguiu.

Muitas das casas principaes da capital o tem tomado para mestre; e deste modo os seus louvaveis esforços acham parte da recompensa que merecem.

Não se admirem se lhe chamamos artista, e observem os que neste ponto podérem fazer qualquer reflexão, que ninguem póde calcular o que esse homem seria na Italia com ambos os braços e com os cinco dedos em cada mão, recebendo pela educação o auxilio que requer o desenvolvimento do genio.

Pelo que temos dito, já muita gente verá, que estamos fallando do Sr. Marianno Vicente de Bastos Teixeira, auctor de um breve tractado de *Bordado a Matiz, e Petit-Point*: pois para nada faltar a este engenho raro tambem quiz ser escriptor.

É um livrinho curioso, e a sua muita extracção provou que a parte mais interessante da sociedade, para quem foi escripto, lhe dava bastante valor. A linguagem é corrente, e até nós que somos perfeitamente leigos na materia não largámos o folheto sem o lêr desde a primeira até á ultima pagina.

Entre outras muitas curiosidades, que seria longo enumerar, consta-nos que o Sr. Marianno até tira partido dos seus tres dedos cultivando no piano a musica de que tambem é amador.

Temos muita satisfação em poder prestar por este modo o tributo de louvor que merece o Sr. Bastos Teixeira, mormente porque ao merito artistico junta como dissemos as virtudes moraes, sem os quaes perde o brilho o mais extremado talento.

É para admirar como a Providencia divina se revela em tudo.

Ha perto de 24 annos uma extremosa mãe, vendo no berço um filho que tam desforme tinha nascido e aleijado de uma perna alem da falta quasi absoluta do braço direito, e só com uma especie de mão no esquerdo, implorava muita vez o auxilio do Céu em favor da sorte futura desse ente desforme: e hoje passa a vida tranquilla porque esse mesmo filho a sustenta com o fructo do seu trabalho.

Tanto póde a intelligencia fadada por Deus.

ERRATA.

Na poesiá — *Pedro Sem* — publicada no numero anterior, o segundo verso da quadra, que começa — *Nas más*, etc. — deve passar para terceiro e este para segundo.